

ARTIGO

**JORNALISMO TRADICIONAL E ALTERNATIVO: um olhar para a comunidade
LBGTQIAP+**

**PERIODISMO TRADICIONAL Y ALTERNATIVO: una mirada a la comunidad
LBGTQIAP +**

**TRADITIONAL AND ALTERNATIVE JOURNALISM: a look at the LBGTQIAP +
community**

Hellen Pereira Almeida¹

RESUMO:

O artigo apresentado tem como objetivo fazer um comparativo entre o jornalismo alternativo e tradicional, analisando de que maneira abordam a minoria LBGTQIAP+. Trabalha-se com a hipótese inicial de que o jornalismo alternativo, contra hegemônico, dá mais visibilidade aos movimentos da comunidade LBGTQIAP+, uma vez que usufrui de mais liberdade e tempo ao abordar um determinado assunto. O trabalho traz como material de estudo notícias publicadas nos sites G1 e Ponte Jornalismo nas semanas dos dias 10 a 27 do mês de outubro de 2020. Compreende-se que a leitura do presente artigo se faz necessária no campo jornalístico por contribuir para uma nova geração de jornalistas produtores de matérias cada vez mais inclusivas.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão; mídia hegemônica e contra hegemônica; comunicação

RESUMEN:

El artículo presentado tiene como objetivo hacer una comparación entre el periodismo alternativo y el tradicional, analizando cómo cada enfoque mediático se dirige a la minoría LBGTQIAP +. Se trabaja con la hipótesis inicial de que el periodismo alternativo, contra la hegemonía, da más visibilidad a los movimientos de la

¹ Aluna de Jornalismo UNIFLU. E-mail: hellen.p.a@hotmail.com

comunidad LGBTQIAP +, ya que el grupo disfruta de más libertad y tiempo a la hora de abordar un determinado tema. El trabajo trae como material de estudio las noticias publicadas en los sitios web G1 y Ponte Jornalismo en las semanas del 10 al 27 de octubre de 2020, como ejemplos de periodismo hegemónico y contrahegemónico, respectivamente. Finalmente, se entiende que la lectura de este artículo es necesaria en el ámbito periodístico ya que contribuye a una nueva generación de periodistas que producen noticias cada vez más inclusivas.

PALABRAS CLAVE: inclusión; medios hegemónicos y antihegemónicos; comunicación

ABSTRACT:

The article aims to make a comparison between alternative and traditional journalism, analyzing how each media approach addresses the LGBTQIAP +. minority. It works with the initial hypothesis that alternative journalism, against hegemony, gives more visibility to movements of the LGBTQIAP +. community, since the group enjoys more freedom and time when addressing a certain subject. The work brings as study material news published on the websites G1 and Ponte Jornalismo in the weeks of the 10th to the 27th of October 2020, as examples of hegemonic and counter-hegemonic journalism, respectively. Finally, it is understood that the reading of this article is necessary in the journalistic field as it contributes to a new generation of journalists who produce increasingly more inclusive stories.

KEYWORDS: inclusion; hegemonic and anti-hegemonic media; communication

1 – JORNALISMO TRADICIONAL E ALTERNATIVO

1.1 Comunicação hegemônica e contra-hegemônica

De acordo com o artigo “Comunicação, hegemonia e contra hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci” (MORAES, 2010), a hegemonia é entendida como a supremacia de uma cultura sobre outras, logo, o conceito de comunicação hegemônica pode ser compreendido como uma ação em que o público é levado a analisar a informação de um único ponto de vista, pois, para Gramsci, os veículos de comunicação têm grande influência no que diz respeito à formação de opinião da população, especialmente quando vinculada ao marketing: “Os veículos ocupam posição distintiva no âmbito das relações sociais, visto que fixam os contornos ideológicos da ordem hegemônica, elevando o mercado e o consumo das instâncias máximas de representação de interesses”. (MORAES, 2010, p. 61).

A contra-hegemonia, por sua vez, é a filosofia do veículo de comunicação que busca analisar as informações fornecidas pela hegemonia com um olhar crítico, atendendo às mais variadas percepções e públicos, não visando seu conteúdo em lucro, mas sim em dar voz e senso-crítico às classes sociais que não somente a elite. Ou seja, significa “reorientar as percepções sobre o mundo vivido e combater as racionalidades hegemônicas, vislumbrando o presente como possível de ser alterado por ações concatenadas e convincentes” (MORAES, 2010, p. 73). Assimila-se, então, que a contra-hegemonia é a alternativa para mudar o quadro de dominação social. Com as definições de ambos conceitos já apresentadas, pode-se dar início às características do jornalismo tradicional e alternativo.

1.2 Jornalismo tradicional e jornalismo alternativo/cidadão: conceito, divergências e semelhanças

O jornalismo tradicional se aplica ao ideal de comunicação hegemônica. Reconhecido como o “jornalismo clássico”, sua linguagem e apresentação tendem a ser formais e diretas, além de serem de fácil acesso a grande porcentagem da população. Em “O mundo dos jornalistas” (TRAVANCAS, 1993), a autora apresenta com uma linguagem de análise antropológica, quando aborda a “visão” construída pelo jornalista dos veículos hegemônicos estudados. Para a sociedade, afirma que o jornalista é alguém que constrói uma visão particular da sociedade, resultado de estar sempre em contato com os tipos mais variados de pessoas e situações. Conclui, portanto, que a criação da identidade jornalística se dá por tal visão, vinculada a experiências e vida social, refletindo o olhar particular de cada jornalista para as matérias. “A construção da identidade do jornalista se realiza em um contexto em que diversas áreas da vida social se misturam e se confundem [...] A própria vivência profissional é uma fonte de vivência e contato com essa complexidade.” (TRAVANCAS, 1993, p.150)

O jornalismo hegemônico atual, em decorrência da forte influência da internet, na vida do consumidor final das notícias já não se limita aos veículos tradicionais, como redação, televisão e rádio, mas agora está presente nas redes sociais digitais (como Facebook e Instagram), além de páginas digitais profissionais (sites), como é o exemplo do G1 – futuramente analisado no presente artigo – O Globo, Folha de São

Paulo, Estado de São Paulo e até mesmo internacionais, como The New York Times, The Washington Post, El País, entre outras fontes de informação já renomadas que, para não perderem a interação e credibilidade com o público, tiveram que se aventurar nesse novo modelo de fazer jornalismo.

Levando em consideração a mudança pela qual o jornalismo tem passado nos últimos anos, tendo que transcender de veículos tradicionais para o que é atualmente conhecido como “webjornalismo” (TARGINO, 2009) não é apenas a mídia hegemônica que tem se adaptado a essa nova maneira de fazer jornalismo, mas também o que hoje é denominado “Jornalismo Alternativo” ou, ainda, “Jornalismo Cidadão”.

O jornalismo alternativo se aplica ao ideal da comunicação contra-hegemônica, sendo conhecido por um veículo muitas das vezes independente, que aspira dar voz e visibilidade às minorias sociais. Dependendo da sua linha editorial, usufrui de uma linguagem mais coloquial, assim como de uma maior liberdade criativa quando comparada ao jornalismo tradicional. Como dito por Maria das Graças Targino em “Jornalismo Cidadão: Informa ou desinforma?": “O jornalismo participativo nutre a esperança de respeito à voz do cidadão e incorpora a redação de textos informativos e indissociavelmente construídos.” (TARGINO, 2009, p. 77)

Nessa atual era do “webjornalismo”, os veículos alternativos têm se provado essencial, surgindo para dar voz às minorias sociais da maneira mais clara e coerente o possível.

[...] o novo jornalismo prima por uma liberdade positiva, capaz de propiciar aos homens fluxo informacional que os habilita a desempenhar suas responsabilidades cívicas, o que traz para o centro da questão a concepção de serviço público como parte inerente e essencial à identidade e à legitimidade jornalística. (TARGINO, 2009, p. 76)

Porém, a necessidade de ser sempre o primeiro a publicar muitas das vezes prejudica a qualidade do jornalismo e a veracidade da informação, o que também pode resultar em ansiedade e falta de coordenação (uma hora você é pauteiro, repórter, locutor, técnico...). Todavia, nunca se deve esquecer a importância do público na matéria. “O jornalista se ocupa em descobrir informações que possam melhorar a qualidade de vida de seus concidadãos, em nome de quem exerce o direito à informação, arcando, logicamente, com as conseqüências daí advindas.” (TARGINO, 2009, p. 67).

Comparando os conceitos de jornalismo tradicional e alternativo, é notável que ambos possuem suas diferenças quando se trata da filosofia pessoal ao se produzir o jornalismo. Os veículos tradicionais usufruem da comunicação hegemônica, que acaba por “igualar” o pensamento das grandes massas sociais, enquanto o jornalismo cidadão, que por sua vez se identifica com a comunicação contra-hegemônica, busca em suas matérias instigar o olhar crítico da população, além de ter veículos que se preocupam especificamente com a visibilidade de minorias sociais, tais como a população negra, indígena e LBGTQIAP+. São exemplos de jornalismo alternativo: Politize! Ponte Jornalismo e Amazônia Real, entre outros.

Entretanto, esses veículos não são arqui-inimigos, eles se complementam, de acordo com o jornalista Claudio Abramo (1988), para quem jornais alternativos têm como papel fazer um contraponto à imprensa burguesa. Ademais, ambos estão passando por um momento de adaptação no webjornalismo e têm jornalistas que, igualmente, sofrem a pressão de estarem atentos aos acontecimentos 24 horas por dia. (TRAVANCAS, 1993).

2 – COMUNICAÇÃO E A COMUNIDADE LBGTQIAP+

2.1 Conceito de comunidade LBGTQIAP+

Entende-se a comunidade LBGTQIAP+ como a que é composta pela “população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual (LGBTI ++)” (REIS, 2018, p. 7). A referência bibliográfica para esse capítulo deriva do “Manual de Comunicação LGBTI ++”, lançado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que tem como objetivo educar a comunidade jornalística acerca dos termos e identificações do meio LBGTQIAP+, com o objetivo de combater o preconceito e estimular o conhecimento. Social.

Contribuir para diminuir preconceitos e estigmas e colaborar para o melhor entendimento de termos que são recorrentes entre a população LGBTI +, mas que podem não ser usadas no dia a dia de comunicadores(as) e estudantes, a fim de contribuir para um jornalismo mais inclusivo e atento às realidades. (REIS, 2018, p.7)

Para cumprir seu propósito, explica de maneira didática as características de cada letra da sigla pertencente à comunidade, as formas de preconceito, suas conquistas sociais, um breve histórico da comunidade LBGTQIAP+, termos e comportamentos que devem ser evitados pelo profissionais da comunicação,

sugestões de pautas variadas, datas para se pautar, significados presentes em bandeiras e símbolos, entre outros aspectos essenciais para que a comunidade LBGTQIAP+ seja corretamente abordada nas matérias jornalísticas.

2.1 A importância de os canais de comunicação darem voz às minorias sociais e sugestões para jornalistas abordarem melhor a comunidade LBGTQIAP+

De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros:

É dever do/da jornalista opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, (bem como) defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos; e ainda combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (FENAJ, 2007, p. 1)

Para cumprir com essa responsabilidade social é essencial que os profissionais da comunicação façam matérias com os integrantes dessa comunidade e, para isso, ter o conhecimento das terminologias corretas, assim como as que devem ser evitadas ao abordar algum cidadão LBGTQIAP+, além de incluí-los como fontes em pautas além das com temática LBGTQIAP+, pois não se tratam de integrantes à parte da sociedade, mas sim da população como um todo.

A responsabilidade social de uma/um comunicadora/comunicador é promover a dignidade humana. Para conquistar mais direitos, jornalistas são aliadas/os para trazer o debate lúcido sobre o tema e para combater o preconceito que deslegitima os direitos LGBTI + (REIS, 2018, p. 76)

Segundo Reis, a sociedade brasileira tem sim, a cada dia, evoluído acerca dos temas LBGTQIAP+, contudo, a população brasileira ainda se depara com uma longa estrada nessa trajetória. “Apesar dos recentes avanços, a sociedade brasileira tem muito a percorrer para garantir direitos iguais à população LGBTI +Ao explorar pautas variadas a/o comunicadora/ comunicador ajuda a promover cidadania”. (REIS, 2018 p.76)

Refletindo sobre a importância presente em o jornalista promover a cidadania, contribuindo assim para o avanço da sociedade acerca da compreensão do tema, é lógico deduzir que, para isso, o profissional deve se preocupar em usar as terminologias e expressões corretas ao se trabalhar com um integrante dessa comunidade.

Afim de não desrespeitar uma fonte LBGTQIAP+ em sua matéria, o profissional da comunicação deve estudar a comunidade: quais os termos corretos? O que devo evitar? Em casos específicos, o que devo fazer? Esses estão entre vários questionamentos dos quais o jornalista deve buscar a resposta para não cair no erro.

Por exemplo, ao se tratar de uma fonte trans, pode vir ao comunicador a pergunta: “devo usar o nome de registro ou social?” A resposta é sempre utilizar o nome social: “É importante, nas matérias jornalísticas, respeitar o nome social da pessoa, evitando publicar o nome de registro dela, porque gera desnecessariamente constrangimento e humilhação.” (REIS, 2018, p.49)

Ainda se faz presente em matérias jornalísticas a abordagem da orientação sexual ou a identidade de gênero da fonte sem que seja relevante para o conteúdo. Para Reis, essa atitude deve ser interrompida.

Quando for falar de crimes [...] muitas vezes recebem cobertura sensacionalista, que inclusive pode se basear em insinuações que fazem algum tipo de ligação entre o delito e o fato de a pessoa ser LGBTI +, contribuindo para sua marginalização social, por exemplo, “Professor gay flagrado roubando em supermercado”.[...] Já que não se publica a orientação sexual ou a identidade de gênero de um/a acusado/a heterossexual, deve-se aplicar o mesmo padrão com os/as acusados/as LGBTI + (REIS, 2018, p.70)

Ao se tratar de eventos LBGTQIAP+, como a “Parada LBGTQIAP+” e demais projetos de apoio à causa, é costumeiro os cidadãos brasileiros lançarem estereótipos relacionados a esses eventos. O profissional de atividade jornalística pode ajudar no combate a essas opiniões preconceituosas ao abordar a relevância que essas cerimônias trazem para a ascensão social e intelectual do Brasil como um todo. “Os veículos de comunicação e jornalistas podem levantar a discussão para derrubar estereótipos de projetos (sejam eles de lei ou educacionais) que buscam promover a cidadania da população LGBTI +”. (REIS, 2018, p. 78)

É importante ressaltar que, no Brasil, tem-se um Estado Laico, portanto, é incoerente que as inclinações religiosas do profissional da comunicação influenciem em seu conteúdo.

Sua atuação profissional não deve se pautar pelo sermão do padre, pela pregação do pastor, pelas orientações da mãe de santo ou pelas crenças de outras religiões. Em um Estado laico, não há nem perseguição religiosa nem proteção às religiões. Simplesmente,

qualquer cidadão é livre para criar a própria igreja ou filiar-se às centenas já existentes no Brasil. (REIS, 2018, p. 79)

É relevante que o profissional de atividade jornalística esteja atento às datas de enfoque LBGTQIAP+ para criar conteúdo sobre esses eventos, tendo em mente esclarecer que ainda há muito a ser feito para que as pessoas LBGTQIAP+ estejam, de fato, inclusas e seguras na sociedade atual.

Há no calendário datas comemorativas que marcam conquistas para a população LGBTI +Todas elas podem ser exploradas pelos meios de comunicação como pauta para falar sobre avanços, mas para ressaltar que ainda falta muito para garantir plenos direitos a essa parcela da população brasileira. (REIS, 2018, p. 83)

Seguindo essas e outras orientações, o jornalista abordará a comunidade LBGTQIAP+ de maneira respeitosa, sem haver desconforto de ambas as partes, profissional da comunicação e grupo minoritário.

3 – ANÁLISE DA ABORDAGEM DOS MEIOS

Com os conceitos de comunicação hegemônica, contra-hegemonia, jornalismo tradicional, jornalismo alternativo e a importância de os veículos de comunicação darem voz (de forma correta) à comunidade LBGTQIAP+ já apresentados, o presente artigo pode seguir para a análise prática das matérias de sites com ideais hegemônicas e contra-hegemônicas. Para esta observação, serão usadas matérias com temática LBGTQIAP+ em dois sites jornalísticos: G1 e Ponte Jornalismo, exemplos de jornalismo tradicional hegemônico e jornalismo alternativo contra-hegemônico, respectivamente, como análise quantitativa, a partir de matérias feitas em ambos veículos nas semanas do dia 10 a 27 de outubro de 2020. Os critérios usados para o estudo dessas matérias são: a) utilização correta de termos LBGTQIAP+; b) se a matéria de fato dá lugar à fonte LBGTQIAP+; c) a mesma dá a devida visibilidade a causa. A verificação será iniciada com matérias do site G1.

3.1 Veículo tradicional e hegemônico

No período temporal estabelecido para a análise crítica das matérias, o site G1 publicou três conteúdos, datados nos dias 22, 25 e 27 de outubro de 2020. A primeira

tem como chamada “Sérgio e Baco, os santos católicos que podem ter sido um casal gay na antiguidade”.²

Figura 1 – Reportagem do G1 sobre santos católicos



Fonte: Print de tela feito pela autora.

Essa matéria responde corretamente aos três pontos analisados pelo artigo: usa termos corretos, dá lugar de fala à comunidade ao ouvir fontes expert LBGTQIAP+ sobre o assunto e dá a devida importância da representatividade ao ter como último parágrafo a entrevista em se diz: “quanto mais a visibilidade mostra que ser homossexual é tão normal como heterossexual, menor será o preconceito” (SÉRGIO..., 2020, s. p.).

A matéria do dia 25 apresenta como chamada “Vinhedo realiza 1º parada virtual do orgulho LGBT neste domingo; confira a programação”. (VINHEDO... 2020)

Figura 2 – Reportagem do G1 sobre Parada em Vinhedo



Fonte: Print de tela feito pela autora.

² Link para a reportagem na íntegra nas referências. Trata-se de uma replicação da BBC Brasil na mesma data. Ver link: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54640170> Acesso em: 29 jul. 2021.

A matéria é breve ao fazer a divulgação de um evento LGBTQIAP+: mostra a programação, horário, por onde será transmitida e enfatiza a importância do seu impulso ao afirmar que “a proposta das apresentações é impactar a sociedade para chamar a atenção dos governantes em relação às pautas da comunidade, afirma a Associação da Parada do Orgulho LGBT de Vinhedo.” (VINHEDO..., 2020, s. p.) Portanto, atende positivamente aos pré-requisitos de análise.

O último conteúdo do site de comunicação hegemônica, publicado no dia 27 de outubro, apresenta como título: “Cultura LGBTQ+ é declarada Patrimônio Imaterial de Uberaba”. (CULTURA..., 2020)

Figura 3 – Reportagem do G1 sobre decreto publicado em Uberaba



Fonte: Print de tela feito pela autora.

A presente matéria corresponde de maneira profissionalmente correta aos requisitos de análise do artigo: usa termos corretos, dá visibilidade à causa e “lugar de fala” à fonte, quando a entrevistada Lucimira Reis:

Faz com que sejamos inseridos socialmente com toda a nossa história antropológica e abre portas para que isso seja feito em outros lugares de Minas Gerais e do Brasil. A cultura LGBTQ+ já faz parte do imaginário popular e está imersa tanto na linguagem quanto nas expressões artísticas e políticas. Cultura para o LGBTQ+ também é resistência” (CULTURA..., 2020, s. p.)³

³ Link para a íntegra nas referências.

Como a presente análise, é possível constatar que o veículo de jornalismo tradicional/hegemônico atendeu todos os requisitos enfatizados pelo artigo, dando, assim, visibilidade à comunidade LBGTQIAP+ de maneira profissionalmente correta.

3.2 Veículo alternativo e contra-hegemônico

Ponte Jornalismo, site de notícias escolhido para representar o jornalismo alternativo e contra-hegemônico, publicou no corte temporal escolhido para análise desse artigo quatro matérias, publicadas nos dias 10, 19, 23 e 25 de outubro. A inicial tem como título “Os zines que mudaram a vida dos presos LGBT+ no Ceará”. (VASCONCELOS, 2020c)

Figura 4 – Reportagem da Ponte sobre publicações independentes feitas por presos LBGT+ no Ceará



Fonte: Print de tela feito pela autora.

A matéria⁴ os requisitos do artigo: dá visibilidade, o “lugar de fala” está presente, assim como a utilização correta de termos para se referir aos integrantes da comunidade.

A matéria seguinte tem como título “15 estados e Distrito Federal se recusam a contabilizar violência contra LBGTs” (VASCONCELOS, 2020a):

⁴ Para íntegra, ver Vasconcelos (2020c) nas referências.

Figura 5 - Reportagem da Ponte sobre negligência de estados com relação à violência contra LGBTs



Fonte: Print de tela feito pela autora.

Entre todas, essa é a reportagem mais extensa, pois dialoga com várias fontes especializadas da comunidade, enfatiza o quanto essa recusa é um ato grave e ainda busca as respostas dos estados que se recusaram, ou seja, é uma matéria que atende perfeitamente aos requisitos do artigo presente.⁵

A reportagem do dia 23 tem como título: “Governo brasileiro se recusa a assinar documentos a favor de pautas LGBTs em reunião do Mercosul” (VASCONCELOS, 2020b):

Figura 6 - Reportagem da Ponte sobre recusa do Governo em apoiar pautas LGBTs



Fonte: Print de tela feito pela autora.

⁵ Para íntegra, ver Vasconcelos (2020a) nas referências.

Ela também atende aos requisitos básicos da análise: utiliza termos corretos, dá visibilidade. problematiza a questão e, principalmente, dá “lugar de fala” para várias fontes expert LGBTQIAP+.⁶

A reportagem final se chama: “Dirigente de entidade LGBT pede proteção após ameaças nazistas”. (MENDONÇA, 2020)

Figura 7 - Reportagem da Ponte sobre pedido de dirigente de entidade LGBT por proteção



Fonte: Print de tela feito pela autora.

A matéria deixa clara a gravidade do problema em questão, mostra prints como provas e atende aos pontos de análise: usar termos corretos, dá visibilidade à causa e “lugar de fala” aos LGBTs.⁷

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações após as informações levantadas nesse artigo são: nas reportagens analisadas, tanto o jornal tradicional (hegemônico) e alternativo (contra-hegemônico) dão visibilidade às causas LGBTQIAP+; porém, de formas diferentes.

A diferença entre a quantidade de reportagens acerca do tema em ambos veículos é mínima: enquanto o G1 publicou três matérias, a Ponte Jornalismo teve quatro matérias, contudo, não é esse o dado de maior relevância para responder a questão-problema deste artigo.

⁶ Para íntegra, ver Vasconcelos (2020b) nas referências

⁷ Para íntegra do texto ver Mendonça (2020) nas referências.

Todas as matérias deram visibilidade e voz aos LGBTs, além de usarem termos corretos. Ao analisar as matérias do jornal alternativo é perceptível uma maior problematização das pautas em questão, deixando claro o quanto esses cenários devem ser modificados, além de ouvir mais fontes e criar pautas de maior relevância. Em contrapartida, o G1 se mantém em um lugar mais “seguro”, aborda a questão LBGTQIAP+, contudo sem haver em suas pautas um grande debate acerca do tema. São, afinal, “apenas” matéria, apesar de bem trabalhadas e informativas

Por fim, compreende-se que a leitura do presente artigo se faz necessária no campo jornalístico por contribuir para uma nova geração de jornalistas produtores de matérias cada vez mais inclusivas no que diz respeito à comunidade LBGTQIAP+.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CULTURA LGBT+ é declarada Patrimônio Imaterial de Uberaba. *G1*, 27 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/10/27/cultura-lgbt-e-declarada-patrimonio-imaterial-de-uberaba.ghtml> . Acesso em: 29 jul. 2021

MENDONÇA, Jeniffer. Dirigente de entidade LGBT pede proteção após ameaças nazistas. *Ponte*, 25 out. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/dirigente-de-entidade-lgbt-pede-protacao-apos-ameacas-nazistas/> . Acesso em: 29 jul. 2021.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, ed. 1, p. 54-77, 2010. DOI <https://doi.org/10.22456/1982-5269.12420> . Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/12420/0> . Acesso em: 20 out. 2020.

REIS, T. (org). *Manual de Comunicação LBGTQIAP+*. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf> . Acessado em 4 nov. de 2020.

SÉRGIO e Baco, os santos católicos que podem ter sido um casal gay da antiguidade. *G1*, 22 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/22/sergio-e-baco-os-santos-catolicos-que-podem-ter-sido-um-casal-gay-da-antiguidade.ghtml>. Acesso em: 29 jul. 2021

TARGINO, Maria das Graças. *Jornalismo cidadão: informa ou desinforma?* Brasília: UNESCO, 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos Jornalistas*. [S. l.]: São Paulo: Summus, 1993.

VASCONCELOS, Caê. 15 estados e Distrito Federal se recusam a contabilizar violência contra LGBTs. *Ponte*, 19 out. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/15-estados-e-distrito-federal-se-recusam-a-contabilizar-violencia-contra-lgbts/> . Acesso em: 29 jul. 2020.

VASCONCELOS, Caê. Governo brasileiro se recusa a assinar documento a favor de pautas LGBTs em reunião do Mercosul. *Ponte*, 23 out. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/governo-brasileiro-se-recusa-a-assinar-documento-a-favor-de-pautas-lgbts-em-reuniao-do-mercosul/> . Acesso em: 29 jul. 2020.

VASCONCELOS, Caê. Os zines que mudaram a vida dos presos LGBT+ do Ceará. *Ponte*, 10 out. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/os-zines-que-mudaram-a-vida-dos-presos-lgbt-do-ceara/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

VINHEDO realiza 1ª Parada Virtual do Orgulho LGBT neste domingo; confira a programação. *G1*, 25 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/10/25/vinhedo-realiza-1a-parada-virtual-do-orgulho-lgbt-neste-domingo-confira-a-programacao.ghtml> Acesso em: 29 jul. 2021.